



Ampliando os marcos para alojar os novos desafios na psicanálise de crianças.

Por Analía Wald

“Liberdade hoje é uma palavra assassina. Apenas igualdade é uma palavra que pode restaurar algo humano entre os humanos”.
Franco “Bifo” Berardi. Diário Pagina12, 24/08/2020

Os marcos são formas particulares de dar sentido à complexidade das situações. Não me refiro exclusivamente a marcos teóricos, mas sim às estruturas de crenças, percepções, valores, preconceitos e apreciações com que abordamos as situações clínicas e pretendemos transformá-las. (Schön, 1983)

Os desafios apresentados aos psicanalistas de crianças e adolescentes no mundo de hoje exigem uma abertura do marco que implica abrir a experiência a outros fenômenos que os marcos de hoje nos impedem de perceber. Mas, ¿Como ordenamos a nossa prática se ainda não sabemos como vai se ordenar o mundo? À crise da ordem patriarcal e de seus padrões hetero-sexuados, ao surgimento de líderes que não estão à altura da tarefa de administrar o rosto mais cruel dos liberalismos e dos capitalismos, foi adicionada a pandemia por covid19 que aumentou as ausências, abandonos e desigualdades extremas.

Os regulamentos legais de muitos países foram modificados para incluir a diversidade de gênero ao nível das identidades e das configurações familiares. A ideia da família como estrutura de hospedagem e transmissão ainda está em vigor, mas as suas modalidades de configuração foram enriquecidas e complexificadas. O estabelecimento das funções de parentalidade com autonomia de gêneros e posições sexuadas envolve uma transformação em todo o sistema de parentesco. Já não são apenas os efeitos das famílias reconstituídas que caracterizaram a passagem à modernidade líquida, ou paternidades e maternidades homoeróticas, mas que as técnicas de reprodução permitem, por exemplo, um homem trans grávido.

Os novos existenciários exigem novas cartografias e novas formas de mapeamento. Por anos acreditámos que o sexo biológico era uma coisa só, e agora acontece que a biologia também é feita de discurso e descobrimos que sua evolução foi permeada pela ordem sexual moderna. A ideia de



uma coincidência harmoniosa e feliz entre sexo gonadal, sexo cromossômico, sexo anatômico e neurodesenvolvimento levou à patologização e à tentativa de “normalizar” as pessoas intersex.

Os novos existenciários questionam a ideia de uma identidade consistente e imutável, sem hibridizações, sem instabilidades ou nuances. As identificações que pensávamos serem imutáveis e garantes da estabilidade estrutural podem sofrer mutações sem um colapso subjetivo. A ordenação de acordo com os complexos de Édipo e Castração não é a única possível: a pulsão sexual (sempre em excesso) pode ser articulada, organizada e objetalizada de diferentes maneiras, a diferença sexual perde centralidade na constituição subjetiva e na construção da alteridade.(Wald, 2019)

O trabalho no campo da diversidade sexo-gênerica tem me mostrado que o que pode adquirir consequências dramáticas é a precariedade no alojamento desejante na trama familiar e social. Nós, psicanalistas, sabemos o dano que um alojamento lábil no desejo do Outro pode acarretar para uma criança. Mas esse Outro tem sido, nos nossos marcos, mais vinculado ao Complexo de Édipo em sua versão familiar. Em vez disso, quero chamar a atenção para o papel que a qualidade do alojamento de uma criança no discurso social desempenha na constituição subjetiva. E, neste ponto, o campo se estende a pessoas que são excluídas ou marginalizadas por gênero, etnia, orientação sexual ou pertencimento a setores de pobreza. Tanto mais em nossos países marcados pela desigualdade e por modos estruturais de discriminação e racismo.

¿Quais são os instrumentos que a psicanálise nos oferece para expandir o marco de acolhimento das identidades precárias no mundo de hoje, para pensar sobre a subjetividade no seu devir transformador e na sua multidimensionalidade?

1-Em primeiro lugar, poder segurar um grande X para se referir a tudo o que ainda não sabemos, e às vezes nos assusta, porque ainda não entrou em nossos marcos. Claro que há dinamismos desejantes nos adultos a cargo de crianças, mas há dinamismos biológicos, hormonais, neurológicos e também há, como diria Lacan, *a decisão insondável de ser*. A extensão dos domínios da psicanálise implica a aceitação de que sua base teórica atual (seja para o autismo, para as questões de gênero, para as desarmonias evolutivas e para outras formas de sofrimento) é necessária, mas não suficiente, e é enriquecida com contribuições de outros territórios e disciplinas como antropologia, estudos de gênero, neurobiologia, entre outras. Ressalte-se que os processos de lateralização, a visão binocular, a articulação fonológica e diversos processos que envolvem o eixo psicossomático ocorrem dentro de culturas particulares que lhes dão sua marca: a psicanálise de crianças é hoje, mais do que nunca, uma prática das fronteiras.



2-A necessidade de mapear processos psíquicos a partir da análise das práticas. Por prática, refiro-me tanto às novas formas de exercício da parentalidade como às produções simbólicas de crianças que expressam o estabelecimento de operações psíquicas e as suas formas únicas de interpretar o mundo. Os processos de libidinização, transferência narcisista, antecipação e transmissão da linguagem fundamental pelos adultos, ocorrem numa dinâmica de presença e ausência com efeitos estruturantes no psiquismo da criança. Os aportes erógenos e libidinais são organizados em ritmos, sequências e cadências que geram enigmas, cortes, separação e diferença. Essas funções podem ser desempenhadas por uma ou várias pessoas mas são exercidas de forma fragmentária, não binária e não necessariamente generizada. A razão patriarcal instruiu-nos que era preciso um pai para resgatar uma criança de a eclosão pulsional da sua mãe. Mas a possibilidade de a criança construir postergações e capacidades sublimatórias depende de uma operação complexa que não pode ser atribuída a pessoas específicas.

3-A perspectiva psicopatológica revelou-se insuficiente para abordar as diversas formas de sofrimento das crianças e dos jovens. Como contraponto à criação de categorias diagnósticas dos últimos anos, que corresponde à crescente medicalização da vida e a mercantilização da atividade científica, podemos, em vez disso, propor um "mapeamento dinâmico dos processos psíquicos". ¿Quais são os processos psíquicos que precisamos mapear? A organização do campo desejante e discursivo da família, o alojamento no campo social, a organização do campo da pulsão sexual, sempre em excesso, que entra em um diálogo recursivo com o corpo e com o gênero atribuído ao nascer. A matriz de subjetivação edipiana ainda é a mais comum em nossa cultura, mas não é a única. O eixo da questão está nos suportes carregados nos vínculos com os cuidadores adultos que possibilitam a constituição das diferentes operações simbólicas: constituição dos autoerotismos integradores da sensorialidade, saída da sexualidade autoerótica e do fechamento narcísico, constituição do pensamento autônomo, reconhecimento da alteridade, queda da onipotência, regulação do gozo sexual, investimento do campo social e constituição de um projeto de identificação, desenvolvimento de processos imaginativos e pensamento crítico. Proponho aqui discutir se valores como a empatia e a ação justa não poderiam ser incorporados como desafios para pensar da psicanálise.

4-Trabalhar com subjetividades pertencentes a sectores que não foram alcançados pela psicanálise confronta-nos com a ideia de que as crianças e os seus pais fazem parte de um contexto social com alojamentos diversos. O lugar que o Outro dá ao sujeito é fundamental na construção da alteridade e do vínculo social: constitui o limiar a partir do qual construímos, de forma recursiva, os nossos próprios fantasmas de relacionamento com o mundo social. Um nome, uma filiação, uma vaga na



escola, são pontos na carta de cidadania para um sujeito que, por contrapartida, investe lugares, objetos, pessoas, vozes, canções, rituais, modos de falar da cultura que o reconhece e que reconhece como seu. Estas tornam-se referências que apoiam a criança na elaboração de um projeto identificatório. Em suma, nosso marco deve considerar o legado cultural e identificante de cada criança e as formas pelas quais o seu grupo de membros acompanha ou dificulta os processos de constituição subjetiva e simbólica. (Wald, 2018, 2019, 2020)

Em situações de marginalização econômica e social, os vínculos tornam-se concretos e rígidos, e a transferência da linguagem fundamental e da lógica simbólica necessária ao desenvolvimento psíquico das crianças tendem a precarizar-se. A expectativa de implantação no campo social e o imaginário do possível são empobrecidas. A questão é, se pensamos a psicanálise como um projeto de autonomia e uma práxis emancipatória, como promovemos nas crianças e nos jovens a ruptura com o ideal de homogeneização e a saída de lugares de exclusão?

Os psicanalistas precisam desenvolver uma teoria dos processos imaginativos como potência de resposta subjetiva: a imaginação como recurso indispensável para a construção de um projeto identificatório e uma expectativa desejante de transformação social. Nesse sentido, muitos psicanalistas de crianças estão ativamente envolvidos em programas ou políticas para que crianças e jovens excluídos por diversas razões do campo simbólico possam desenvolver processos de subjetivação diante da ameaça da impulsividade, de retirada dos investimentos sociais ou situações de sofrimento extremo.

Está se tornando cada vez mais evidente que a maneira como enquadrados os problemas é influenciada por nossas disposições teóricas, éticas e políticas. Talvez possamos recuperar o conceito de práxis que implica que nossas ações são ações éticas e políticas e que a renovação conceitual como atitude permanente nos permite estar em diálogo com as mudanças que vivemos. O mundo pós-pandêmico em sua mais cruel desigualdade estará esperando por nós.

Referências Bibliográficas

Aulagnier, P. (1976). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu Eds.



Cornu, L. (2019) Notas acerca de una epistemología de la acción. En Frigerio, G et al (coords) *Las instituciones:saberes en acción. Aportes para un pensamiento clínico*. Buenos Aires: Noveduc.

Glocer Fiorini, L. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual y de géneros. En *Revista Uruguaya de Psicoanálisis.127. Desamparo*. P.80-90. Montevideo. 2018.

Lacan, J. (1964) *EL Seminario Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del Psicoanálisis*. Bs As: Paidós.

Laplanche, J. (2003). *Castración. Simbolizaciones. Problemáticas II*. Buenos Aires: Amorrortu.

Schön, D. (1983). *The reflective practitioner: how professional think in action*. New York: Basic Books.

Tort, M. La subjetivación patriarcal y la función paterna de rechazo de lo femenino
<https://www.topia.com.ar/articulos/subjetivacion-patriarcal-y-funcion-paterna-rechazo-lo-femenino>

Wald, A. (2018) Los procesos imaginativos en los dibujos de los niños. En *Recent Findings in Psychology and psychoanalysis* San Pablo Brasil: .Editora Buchler.

Wald, A. (2018). Notas sobre vulnerabilidad y desamparo en la infancia. En *Revista Uruguaya de Psicoanálisis.127. Desamparo*. P.90-102. Montevideo. 2018.

Wald, A. (2019). El psicoanálisis en un mundo plural. DOCTA. Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Córdoba. N° 14 "El Psicoanálisis y el caos". p 45-52..

Wald, A; Grunberg,D; Benavídez, M y Hamuy, E.(2019) "Abordaje interdisciplinario para ampliar el potencial simbólico de niños, niñas y adolescentes con problemas clínicos complejos. Intervenciones en zonas de frontera" En *Anuario de Psicología. Secretaría de Investigaciones. Facultad de Psicología*. Vol. XXVI: 355-362.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Wald, A, Di Scala, M, Benavidez, M y Rodríguez, R. (2020). El Programa de Asistencia Psicopedagógica en tiempos de ASPO por COVID 19. Memorias del Congreso de Investigación de la Facultad de Psicología. Universidad de Buenos Aires.

Traducción: Analía Wald